



Prevenção e Controle de Infecções Associados ao Cuidado em UTI

Lauhanda Primo Borges¹; Luciene de Souza Barbosa Gomes Silva²; Mayra Algeri Schimin³; Paulo Henrique Costa⁴; Larissa dos Santos Paz⁵; Vitória Pires Alencar⁶; José Mário Delaiti de Melo⁷; Pedro Henrique de Paula Silva⁸;

REVISÃO LITERÁRIA

RESUMO

Introdução: As Infecções Associadas aos Cuidados em Saúde (IACS), também denominadas Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), representam um desafio significativo nos ambientes hospitalares, especialmente nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), contribuindo para o aumento da morbidade e mortalidade, prolongando o tempo de internação e elevando os custos de tratamento. **Objetivos:** O principal objetivo deste estudo foi identificar e avaliar as principais estratégias de prevenção e controle das infecções relacionadas aos cuidados em UTIs, com foco na aplicação de medidas preventivas e na eficácia dos protocolos de higiene e uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). **Metodologia:** Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura, utilizando uma metodologia sistemática para analisar pesquisas e evidências relacionadas às infecções em ITUs. **Resultados e discussão:** As infecções em ITUs são frequentemente causadas por procedimentos invasivos, como ventilação mecânica e cateterismo, que comprometem as defesas naturais do corpo. **Conclusão:** A adoção de práticas de higiene rigorosas, o uso racional de antimicrobianos e a educação contínua dos profissionais de saúde são fundamentais para reduzir a incidência de IACS e melhorar a qualidade do atendimento. A colaboração entre os profissionais de saúde é vital para garantir a aplicação consistente das medidas preventivas e promover os melhores resultados.

Palavras-chave: Controle de Infecções, Infecções Relacionadas à Saúde (IRAS), Infecção Hospitalar.

Prevention And Control Of Infections Associated With Icu Care

ABSTRACT

Introduction: Healthcare-Associated Infections (HAIs), also called Healthcare-Associated Infections (HAIs), represent a significant challenge in hospital environments, especially in Intensive Care Units (ICUs), contributing to increased morbidity and mortality, prolonging hospitalization time and increasing treatment costs. **Objectives:** The main objective of this study was to identify and evaluate the main strategies for preventing and controlling infections related to ICU care, focusing on the application of preventive measures and the effectiveness of hygiene protocols and the use of Personal Protective Equipment (PPE) . **Methodology:** This study was conducted through an integrative literature review, using a systematic methodology to analyze research and evidence related to infections in UTIs. **Results and discussion:** UTI infections are often caused by invasive procedures, such as mechanical ventilation and catheterization, which compromise the body's natural defenses. **Conclusion:** The adoption of strict hygiene practices, the rational use of antimicrobials and the continuous education of healthcare professionals are fundamental to reducing the incidence of HAI and improving the quality of care. Collaboration between healthcare professionals is vital to ensure the consistent application of preventive measures and promote the best results.

Keywords: Infection Control, Healthcare-Associated Infections (HAIs), Hospital Infections.

Dados da publicação: Artigo recebido em 14 de Maio e publicado em 04 de Julho de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n7p432-440>

Autor correspondente: Lauhanda Primo Borges

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

As Infecções Associadas aos Cuidados em Saúde (IACS), também conhecidas como Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), são infecções adquiridas durante a prestação de cuidados de saúde em ambientes como hospitais, clínicas, centros de reabilitação, e outras instituições de saúde (Melo *et al*, 2022).

Estas infecções diferem das infecções adquiridas na comunidade, uma vez que se desenvolvem em um contexto de atendimento médico, onde os pacientes estão expostos a riscos específicos que não existem no ambiente externo. As IACS são frequentemente associadas a intervenções médicas, como a utilização de cateteres, ventiladores, cirurgias e a administração de medicamentos intravenosos (Moura *et al*, 2007).

Essas intervenções, embora vitais para o tratamento de condições graves, podem comprometer as defesas naturais do corpo e fornecer um caminho para a entrada de micro-organismos patogênicos. Assim, os pacientes internados em instituições de saúde estão em contato contínuo com equipamentos e procedimentos invasivos que aumentam a suscetibilidade a infecções (Oliveira *et al*, 2012).

Diante da disseminação das Infecções Associadas aos Cuidados em Saúde, surge uma questão essencial: Como podemos garantir a efetiva implementação e adesão contínua a esses protocolos e ao uso de EPIs, para que possamos minimizar ao máximo a incidência de IACS em instituições de saúde? Esta indagação não apenas norteia nossa reflexão sobre os desafios enfrentados pela equipe multidisciplinar na UTI quanto a diminuição desses riscos, mas também nos impulsiona a buscar constantemente práticas e protocolos que assegurem uma assistência mais segura para cada paciente.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura a respeito das infecções associadas ao cuidado em unidades de terapia intensiva, a qual foi conduzida de forma sistemática e abrangente utilizando um protocolo estruturado, com o objetivo de analisar as principais pesquisas e evidências disponíveis sobre o tema. A princípio, foi selecionado os bancos de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Biblioteca

Virtual em Saúde (BVS), onde foi realizada uma busca de artigos científicos publicados entre os anos de 2014 e 2024, utilizando as seguintes palavras-chave indicadas no Decs (Descritores de saúde): “Controle de Infecções”, “Infecções Relacionadas à Saúde (IRAS)” e “Infecção Hospitalar”.

Para a seleção dos estudos, foram adotados critérios de inclusão que consideraram pesquisas científicas publicadas nos últimos 15 anos, redigidas em português e que abordassem os descritores supracitados. Já os critérios de exclusão, foram aplicados para estudos fora do período descrito para realização da pesquisa.

Após essa etapa, foram selecionadas definitivamente as referências que atendiam os critérios estabelecidos para serem lidos na íntegra, resultando em dezesseis artigos para a amostra final.

RESULTADOS

As Infecções Associadas aos Cuidados em Saúde (IACS), também conhecidas como Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), são infecções que ocorrem durante a prestação de cuidados médicos em ambientes como hospitais e unidades de terapia intensiva (UTIs). Estas infecções diferem das infecções comuns adquiridas na comunidade porque ocorrem em um contexto hospitalar, onde os pacientes estão expostos a procedimentos invasivos, dispositivos médicos e outras intervenções que aumentam o risco de infecção (Melo *et al*, 2022).

As IACS representam um desafio significativo para os sistemas de saúde, não apenas aumentando a morbidade e mortalidade dos pacientes, mas também contribuindo para o aumento dos custos e prolongamento das internações hospitalares. Em UTIs, onde os pacientes já estão em estado grave e frequentemente imunocomprometidos, a vigilância e controle rigorosos dessas infecções são essenciais para garantir a segurança e o bem-estar dos pacientes (Nogueras, 2001).

Os principais fatores de risco em unidades de terapia intensiva incluem procedimentos invasivos, como inserção de cateteres venosos centrais, traqueostomias, ventilação mecânica prolongada e uso de dispositivos como cateteres e drenos. Procedimentos estes que não só comprometem as barreiras naturais do corpo contra infecções, mas também fornecem uma via de entrada direta para patógenos (Westphal, 2019).



Além disso, a imunossupressão de pacientes em terapia intensiva, devido a condições médicas subjacentes ou tratamentos como a quimioterapia, também aumenta a suscetibilidade a infecções. Quanto aos mecanismos de transmissão, as IRAS podem ser transmitidas pelo contato direto entre pacientes e profissionais de saúde, pelo contato com superfícies contaminadas, ou mesmo pelo ar, principalmente no caso de infecções respiratórias associadas à ventilação mecânica que a cavidade oral é o primeiro portal de entrada para microrganismos patogênicos que causam infecções sistêmicas, sendo a pneumonia uma delas (Kahn, 2008).

Cerca de 30% dos casos de infecções relacionadas à assistência à saúde são considerados preveníveis por medidas simples, sendo a lavagem correta das mãos pelos profissionais de saúde a mais efetiva delas. São as mãos que transportam o maior número de micro-organismos aos pacientes, por meio contato direto ou através de objetos. Dentre esses micro-organismos, muitos são patógenos potenciais, como *S. aureus*, *E. coli*, *P. aeruginosa* e *E. fecalis*, sendo metade deles multirresistente aos antibióticos (NOGUERAS, 2001, p. 3).

A fim de colaborar com menores riscos e índices de contaminação dentro das UTIs, é de suma importância que a equipe multidisciplinar trabalhe em conjunto, desempenhando papéis fundamentais na implementação de medidas preventivas e seguindo protocolos de higiene das mãos e uso de EPIs. Essa abordagem integrada não apenas reduz a incidência de infecções, mas também contribui com melhores resultados clínicos e a qualidade do cuidado prestado, promovendo assim melhores resultados de saúde para os pacientes (Martinez, Campos e Nogueira., 2009).

A higienização das mãos (HM) vem sendo reconhecida e recomendada, desde 1846, como prática obrigatória para os profissionais da área da saúde, com base na constatação de sua efetividade na redução das infecções e, conseqüentemente, de mortalidade entre os pacientes [...] atualmente, sabe-se que a higienização das mãos reduz a transmissão de patógenos e, sobretudo a incidência de infecções relacionadas ao cuidar em saúde (IRCS), sendo considerada uma medida simples e importante (OMS, 2009, p. 270).

Essa abordagem integrada não apenas reduz a incidência de infecções, mas também contribui com melhores resultados clínicos e a qualidade do cuidado prestado, promovendo assim, melhores resultados de saúde para os pacientes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tratando do controle de infecções dentro das Unidades de Terapia Intensiva, a colaboração da equipe multidisciplinar, incluindo médicos, enfermeiros, farmacêuticos e demais profissionais de saúde, é imprescindível para assegurar a aplicação consistente de medidas preventivas disponíveis. Além disso, há a necessidade contínua de educação e treinamento desses profissionais de saúde, bem como a implementação de novos programas de vigilância epidemiológica para monitorar a ocorrência de infecções e identificar áreas de melhoria.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. et al. Uso de diagramas de controle na vigilância epidemiológica das infecções hospitalares. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 6, p. 768–774, dez. 2003.

ALECRIM, R. X. et al. Boas práticas na prevenção de pneumonia associada à ventilação mecânica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 11–17, fev. 2019.

KAHN, S. et al. Avaliação da existência de controle de infecção oral nos pacientes internados em hospitais do estado do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 1825–1831, 1 dez. 2008.

LIMA, M. E.; ANDRADE, D. DE; HAAS, V. J. Avaliação prospectiva da ocorrência de infecção em pacientes críticos de unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 19, n. 3, p. 342–347, set. 2007.

MARTINEZ, M. R.; CAMPOS, L. A. A. F.; NOGUEIRA, P. C. K. Adesão à técnica de lavagem de mãos em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 27, n. 2, p. 179–185, jun. 2009.

MELO, L. S. W. DE et al. Fatores de sucesso em colaborativa para redução de infecções relacionadas à assistência à saúde em unidades de terapia intensiva no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 34, n. 3, 2022.

MOURA, M. E. B. et al. Infecção hospitalar: estudo de prevalência em um hospital público de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, p. 416–421, 1 ago. 2007.

NOGUERAS, M. et al. Importance of hand germ contamination in health-care workers as possible carriers of nosocomial infections. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 43, p. 149–152, 1 jun. 2001.



OLIVEIRA, A. C. et al. Infecções relacionadas à assistência em saúde e gravidade clínica em uma unidade de terapia intensiva. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 3, p. 89–96, set. 2012.

SANTOS, P. L. C.; PADOVEZE, M. C.; LACERDA, R. A. Desempenho dos programas de prevenção e controle de infecções em pequenos hospitais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, 2020.

WESTPHAL, G. A. et al. Características e desfechos de pacientes com sepse adquirida na comunidade e no hospital. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 31, p. 71–78, 2019.